

## TENSÃO NO ORIENTE MÉDIO

## Retaliação calculada para dar recados aos aiatolás

ANÁLISES

**Por que ataque ao Irã foi na área de Isfahã e qual a mensagem a Teerã?**

FLÁVIA BARROS\* [f.b.b@oglobo.com.br](mailto:f.b.b@oglobo.com.br)

O ataque israelense ao território iraniano foi lançado contra alvos na cidade de Isfahã, no centro do país. A localidade parece ter sido cuidadosamente escolhida pelas forças israelenses para passar uma mensagem: ali se encontram uma das maiores bases aéreas militares do Irã e unidades onde se desenvolve o temido plano nuclear da república islâmica.

Além da esquadilha de caças e outras aeronaves relevantes da Força Aérea iraniana, a base aérea de Shekari, que compartilha a área do aeroporto internacional de Shahid Beheshti, tem um importante radar do Exército.

Em Isfahã, há ao menos uma unidade de pesquisa e desenvolvimento na qual seria possível fabricar armas nucleares uma vez que o Irã alcança o percentual necessário de enriquecimento de urânio. Não por acaso, uma das usinas iranianas de enriquecimento de urânio conhecidas pela comunidade internacional fica na cidade vizinha de Natanz.

Observadores internacionais afirmam que o Irã já entope urânio a 60% nestas usinas — e este patamar equivale a ter percorrido o cami-

nho mais difícil até conseguir a pasta amarela (yellow cake) que permite a fabricação de uma arma nuclear, segundo a Fundação para a Defesa das Democracias, centro de estudos dos EUA.

Fontes do governo americano, segundo a mídia dos EUA, afirmaram que as plantas nucleares não foram alvo da retaliação israelense, e Teerã informou que as usinas estão seguras após as explosões. Também não houve informação de danos na base aérea.

**Resta saber se o Irã crê que ganha mais se dobrando ou dobrando a aposta**

Primeiramente, Israel precisava retaliar o primeiro ataque iraniano a seu território em décadas de hostilidades mútuas. É uma questão de força e moral, uma declaração de inamissibilidade de violação de território ao mesmo tempo em que Teerã redireciona a disposição inabalável de se defender.

Segundo, ainda que aparentemente calculado para não ser "mortal", tanto para infra-

estrutura quanto para civis, o ataque resiliou que Israel tem a capacidade de atacar o Irã: suas cidades importantes, com alta concentração populacional, suas instalações essenciais civis e militares, e seu complexo nuclear.

Terceiro: demonstrar vulnerabilidades do sistema de defesa do Irã. Apesar de Teerã ter informado que três drones foram derrubados "com sucesso", o estudo indicou que o ataque foi de baixa escala e confuso, houve registro de ao menos outras duas explosões nos arredores do aeroporto internacional e na cidade de Ghahjvestan, também no centro do país. Ou seja, o sistema de defesa iraniano não foi 100% eficiente.

Combinados, os motivos apontam para a estratégia de dissuasão. Mas o Irã vai recuar? Horas antes da resposta israelense, o ministro de Relações Exteriores do Irã deu entrevista à CNN americana afirmando que qualquer ataque mereceria revide imediato em larga escala da República Islâmica. A mesma emissora, porém, afirmou que fontes de Teerã, após as explosões, informaram que não haveria retaliação.

Resta saber se o Irã crê que ganha mais se dobrando ou dobrando a aposta. Equação bem mais difícil de calcular que, até o fim de ontem, parecia apontar para a primeira opção. Talvez, por ora.

\*Editora-executiva do GLOBO

**Uma guerra 'fake' para evitar uma de verdade?**

MARCELO NINHO [m.ninho@oglobo.com.br](mailto:m.ninho@oglobo.com.br)

Não estão sem rodeios que o caracteriza, o veterano jornalista americano Seymour Hersh usou uma descrição que parece caber no atual momento da tensão entre Israel e o Irã: "Uma falsa guerra para prevenir uma de verdade". Conhecido por reportagens que revelaram abusos cometidos pelo governo americano — a mais famosa delas sobre o massacre de My Lai em 1968 durante a Guerra do Vietnã — Hersh desta vez aplaudiu o Pentágono pelas articulações para que a resposta iraniana contra Israel ao bombardeio de sua embaixada na Síria fosse limitado e evitasse uma explosão regional.

Foi "uma aposta arriscada, mas que deu certo", elogiou Hersh.

## MOMENTO MAIS CRÍTICO

Da guerra tática à guerra tática, Israel e Irã estão há anos num confronto indireto que atingiu agora seu momento mais crítico desde que os dois países romperam relações diplomáticas, em 1979 e tornaram-se arqui-inimigos. O jogo seguiu: de um lado, execuções de autoridades iranianas atribuídas a Israel, que oficialmente

não negava nem confirmava a autoria; de outro, o Irã continuava a guerra de nervos com Israel por meio da ameaça de milícias radicais como o Hezbollah no Líbano, o Hamas em Gaza e os Houthis no Iêmen, parceiros do Eixo da Resistência, como chama Teerã.

A escalada atual claramente não é só mais um round do embate. Pela primeira vez o Irã fez um ataque direto a Israel silado passado, com cerca de 330 mísseis e drones, que embora tenham causado

**Radicais de ambos os lados continuam pressionando por um choque frontal**

poucos danos, estabeleceram um novo marco no manual de regras não-declaradas entre os dois países. O ataque na cidade iranian de Isfahã, atribuído a Israel, seria uma resposta dentro das novas regras: uma ação direta, mas limitada. Nenhum lado parece interessado numa guerra total, e ainda que pareça contraditório, é com tais atapuzas "limitados" que os inimigos trocaram essa mensagem.

Em Teerã, quem acordou com notícias do ataque a Isfahã na madrugada tinha motivos para esperar o pior, mas aos poucos a situação se acalmou. Primeiro, os aeroportos foram fechados e todos os voos, cancelados. Dois atletas brasileiros de luta greco-romana que haviam passado uma temporada de treinos na capital iraniana perderam o voo de volta para casa e tiveram que permanecer em Teerã, hospedados na casa do aliado militar. A comunidade brasileira no país ficou aflita. Por coincidência, o embaixador do Brasil no país, Eduardo Gagliolo, tinha uma viagem marcada justamente para Isfahã, obviamente adiada.

Diante da instabilidade, a Embaixada do Brasil prepara um plano de evacuação de cidadãos brasileiros residentes no país, estimados entre 150 e 180, caso a avaliação seja de que o risco aumente e justifique a medida. Até agora, porém, não há registro de interesse entre os brasileiros de deixar o país. A volatilidade

das informações sobre a suposta retaliação israelense em Isfahã tem dificultado um julgamento mais preciso dos riscos, levando a embaiada a reavaliações constantes. A preocupação entre os brasileiros aumentou quando eles souberam que a Alemanha decidira pela retirada de seus cidadãos do país. Mas ao longo do dia, o quadro não pareceu grave a ponto de o Brasil considerar o mesmo.

O ataque em Isfahã não pegou totalmente de surpresa a embaiada brasileira. Havia a expectativa de que o contra-ataque israelense ocorreria antes de segunda-feira, quando começa o feriado judaico de Pessach. A data escolhida, coincidência ou não, acabou ocorrendo no dia do aniversário do líder supremo do Irã, aiatolá Ali Khamenei, que completou 85 anos ontem.

O governo israelense não se manifestou oficialmente sobre a operação. Mesmo a imprensa do país passou o dia citando a mídia estrangeira, que apontou o país como o autor do ataque com base em fontes do governo israelense. Segundo o New York Times, o ataque foi confirmado tanto por autoridades de Israel como do Irã. Enquanto isso, depois do alerta inicial que levou ao fechamento de vários aeroportos no país, oficiais iranianos negaram o ataque israelense. O comandante do Exército, Abolmohsen Mousavi, chamou de "absurdo" os relatos de que as explosões em Isfahã haviam sido uma ação de Israel.

## EXIBIÇÃO DE FORÇA

Tanto o silêncio israelense como a negativa iraniana parecem fazer parte do mesmo jogo, que visa mostrar força ao inimigo e aos públicos domésticos sem causar uma escalada. Sem assumir oficialmente, Israel manteve a promessa de revidar a ofensiva iraniana, mas não força Teerã a responder. Por outro lado, ao negar a responsabilidade de Israel, o Irã se livra dessa charge. Perguntado se o país iria retaliar ao suposto ataque israelense, Mousavi desconversou: "Israel já havia tido a resposta do Irã antes", disse o general. Nos dois lados, há uma expectativa e o aparente desejo de que seja o fim deste round.

A grande questão é se a "falsa guerra" poderá continuar evitando uma de verdade, principalmente diante da pressão de radicais em ambos os países para bater de frente com o inimigo. Apostas arriscadas, por definição, nem sempre dão certo.



Alvo escolhido a dedo. Turistas e moradores caminham por Isfahã: cidade abriga uma importante base militar e instalações do programa nuclear iraniano

## Cisjordânia: ataques de colonos judeus batem recorde

Desde outubro, 5,5 mil moradores de assentamentos foram convocados para atuar na região, e 400 hectares de terras foram tomados

JORNAL

Enquanto os olhos do mundo se voltam para o conflito entre Israel e Gaza e as tensões como o Irã, a Cisjordânia vê a violência atingir patamares históricos sem a mesma atenção. Desde o início da guerra, em 7 de outubro, ocorreram mais de 700 ataques de colonos judeus no território, com a participação de soldados israelenses em cerca de metade deles,

segundo a ONU. Nesse mesmo período, 17 palestinos foram mortos, 400 ficaram feridos e mais de 1,2 mil foram forçados a se deslocar devido à violência, entre eles 600 menores, disse a organização.

Um relatório da ONG Human Rights Watch (HRW) divulgado nesta semana revelou detalhes da situação na Cisjordânia, que já via um aumento da truculência antes mesmo de estourar o conflito entre Is-

rael e o grupo terrorista Hamas. Em 2023, o número de ataques de colonos na região bateu recorde, segundo a ONU, atingindo o maior patamar desde 2006, quando teve início a série histórica.

Colonos e soldados desajustam comunidades palestinas inteiras, destruindo todas as casas, com o apoio aparente de autoridades israelenses superiores — disse Bill Van Esvelt, diretor de direitos das cri-

anças da HRW. — Enquanto a atenção do mundo está voltada para Gaza, os abusos na Cisjordânia, alimentados por décadas de impunidade e complacência entre os aliados de Israel, estão aumentando.

## SE SANCIONA EXTREMISTAS

Na esteira de um episódio recente de violência, a União Europeia sancionou as organizações extremistas israelenses Leham e Hilltop Youth,

além de quatro colonos por ataques a palestinos na Cisjordânia e em Jerusalém.

A HRW afirma que 5,5 mil colonos que são reservistas do Exército de Israel, incluindo alguns com antecedentes criminais de violência contra palestinos, foram convocados para atuar em batalhões de "defesa regional" na Cisjordânia desde 7 de outubro. Grupos de direitos humanos israelenses apontam que mais de 7

mil armas foram distribuídas a esses agentes e "esquadrões de segurança civil" estabelecidos em assentamentos judaicos.

Segundo relatos da mídia local, colonos espalharam panfletos e ameaças nas redes sociais depois do ataque terrorista do Hamas instando os palestinos que vivem na Cisjordânia a "fugirem para a Jordânia" ou então seriam "exterminados", alertando que "o dia da vingança está chegando".

A organização de direitos humanos israelense If Tiedem denuncia que, até março, os colonos judeus já haviam tomado quase 400 hectares de terras de pastagem na região desde o início da guerra.